

Travessias e Desafios da Introdução dos Estudos da Língua Portuguesa no Egito

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ELGEBALY, M. T. M. A. Travessias e Desafios da Introdução dos Estudos da Língua Portuguesa no Egito. In: ARANHA, S. D. G., and SOUZA, F. M., eds. *Práticas de ensino e tecnologias digitais* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2018, pp. 499-517. Ensino e aprendizagem collection, vol. 3. ISBN: 978-85-78795-26-9. <http://doi.org/10.7476/9786586221657.0017>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

TRAVESSIAS E DESAFIOS DA INTRODUÇÃO DOS ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO EGITO

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly¹

Introdução

“... caminhante, não há caminho, se
faz caminho ao andar ...”

Antonio Machado

Em 2014, criamos o primeiro curso de bacharelado em língua portuguesa e suas letras do Egito, na Aswan University, com o objetivo de formar alunos com habilitação nessa língua. Neste artigo, apresentamos essa experiência, refletindo sobre o papel do ensino da língua portuguesa no desenvolvimento da comunicação intercultural. Analisamos também os problemas encontrados no cultivo do ensino e da aprendizagem dessa língua.

1 Coordenador do Departamento de Língua Portuguesa na Aswan University. Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2012), doutor em Língua Espanhola pela Ain Shams University (2011), mestre em Linguística pelo Instituto Caro y Cuervo (2005) e bacharel em Letras- Ain Shams University (1999). Tem experiência na área de ensino da Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas Letras.

Entre os falantes de árabe e os de língua portuguesa há relações históricas. Os árabes chegaram à Península Ibérica no ano de 711 d.C. e cabe lembrar que, na Era dos Descobrimentos (1415-1543), as primeiras navegações portuguesas partiram do Algarve, ou Oeste de Al-Andaluz, região dominada pelos árabes por séculos e por onde circulavam os povos do Mediterrâneo. Tais vínculos históricos, além das várias levas de imigrantes árabes a países falantes de língua portuguesa, me motivaram a cultivar a introdução do ensino da língua portuguesa no Egito como uma especialidade acadêmica nas universidades egípcias.

Inicialmente, houve várias tentativas de introdução da língua portuguesa na Faculdade de Al Alsun da Universidade de Ain Shams. Nos anos noventa, foi assinado o primeiro acordo entre a Faculdade de Al Alsun da Universidade de Ain Shams e o Instituto Camões para o ensino da língua portuguesa como segunda língua. Em 2006, a Faculdade de Al Alsun da Universidade de Ain Shams recebeu a leitora Prof.^a Maria Pinto do Instituto Camões para lecionar o português como segunda língua dentro do departamento de língua espanhola.

Em 1999, me graduei em língua espanhola pela Faculdade de Al Alsun da Universidade de Ain Shams. Três anos depois, tive uma bolsa da Colômbia para fazer o mestrado em linguística. Decidi estudar a língua portuguesa na Colômbia porque não havia ensino dessa língua no Egito naquela época. Minha dissertação de mestrado foi um estudo contrastivo entre as línguas portuguesa e espanhola. Em 2011, obtive o título de doutor em língua espanhola pela Faculdade de Al Alsun da Universidade de Ain Shams, mas queria ter o título de doutor em língua portuguesa para introduzir seus estudos no campo

acadêmico egípcio. Em 2008, ganhei uma bolsa para fazer o segundo doutorado em Estudos Comparados de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior, professor brasileiro descendente de imigrantes portugueses e árabes. Em 2013, fiz a primeira revalidação egípcia de um Doutorado em Língua Portuguesa e comecei a escrever o Programa do Curso de Bacharelado em Língua Portuguesa. No dia 5 de maio de 2015, o Ministério de Ensino Superior do Egito me autorizou abrir o curso de bacharelado na faculdade de Al Alsun da Universidade de Aswan. Escrevi o projeto considerando os parâmetros curriculares do ensino de línguas no Egito, no Brasil, em Portugal, em Angola e em Moçambique. O Departamento de Língua Portuguesa da Universidade de Aswan lança anualmente um edital para contratar professores de língua portuguesa e suas literaturas.

Começamos a primeira aula no dia 24 de setembro 2014 e formar a primeira turma com bacharelado em língua portuguesa no Egito e em Oriente Médio em junho 2018. Até o fim do ano letivo (2017/2018), o Departamento de Língua Portuguesa tinha 31 estudantes: 2 alunas e 2 alunos no primeiro ano, 7 alunas no segundo ano, 9 alunas e 3 alunos no terceiro ano e as 8 alunas do quarto ano que se formaram este ano.

O curso tem duração de quatro anos letivos, 8 períodos ao final dos quais o estudante obtém o título de Bacharel em Língua Portuguesa e suas letras. As motivações de matrícula dos estudantes egípcios no DLP variam entre as *instrumentais* orientadas para o trabalho e as *integrativas* por gostarem de manifestações culturais da língua portuguesa (Gardner, 2007).

Para acompanhar as novas dinâmicas cibernéticas dos nossos estudantes, criamos o Grupo do Departamento de Língua Portuguesa da Aswan University² no Facebook e no Whatsapp. As interações do grupo do Facebook são bastante dinâmicas e permitem ações como: filiar-se a outros grupos interessados na divulgação da língua portuguesa e suas letras, agendar atividades dentro e fora do grupo, divulgar eventos, fazer novas amizades, bater papo com professores e amigos dos países de língua portuguesa, compartilhar materiais, vídeos e fotos e fazer comentários. Assim, o grupo do Departamento cria hoje um espaço de diálogo entre várias culturas.

Apesar dos laços comerciais existentes entre o Egito e os Países Falantes de Língua Portuguesa (CPLP), a criação do curso de graduação em língua portuguesa foi uma missão que enfrentou certos discursos que atrapalhavam a iniciativa, tais como:

“A língua portuguesa é uma subárea da língua espanhola e por isso seu estudo poderia ser reduzido ao seu ensino como segunda língua (duas horas semanais) no Departamento de Língua Espanhola”.

Essa situação deriva da falsa crença popular de que a língua portuguesa é um dialeto da língua espanhola.

“a língua inglesa poderia substituir a língua portuguesa na comunicação

2 <https://www.facebook.com/groups/494171350726055/?fref=ts>

entre Países Árabes e Países Falantes de Língua Portuguesa”.

Durante o processo de abertura do departamento em Aswan, resistimos a esses discursos destacando a relevância dessa língua internacional na atual conjuntura mundial e a necessidade de cultivar seu ensino para melhor comunicação e empatia entre os Países Árabes e a CPLP. Também defendemos que nos países da CPLP, a maioria da população não domina a língua inglesa e essa língua aparece como um filtro que não transmite de modo natural as memórias culturais dos falantes de língua portuguesa.

A experiência de ensino da língua portuguesa

O ensino da língua portuguesa no DLP é construído por uma experiência dinâmica de caráter reflexivo, interativo e intercultural. Na grade curricular, o ensino se dá por meio das seguintes disciplinas:

1. Compreensão e produção oral: onde se ensina fonética, fonologia e pragmática da língua portuguesa (escuta de músicas, entrevistas e documentários e oficinas de conversação em língua portuguesa). Seguindo os pressupostos pedagógicos de Paulo Freire, desenvolvemos as capacidades necessárias para as interações orais. Para isso, elaboramos aulas do sistema fonético da língua portuguesa adaptadas para falantes de árabe, incluindo exercícios de pronúncia na leitura de textos e escuta para completar os sons que faltam. Os alunos enfrentam problemas na aprendizagem do sistema fonológico da língua portuguesa. Por exemplo, temos no treinamento da

pronúncia das consoantes do português, os estudantes árabes tendem a não distinguir o *b* do *p*. Ambos são fonemas de mesmo ponto e modo de articulação, mas o *p* não faz parte do sistema fonológico da língua árabe. Exemplos de erros dos alunos são: *núpio* no lugar de *núbio* ou *combrar* no lugar de *comprar*. Por isso, recorreremos a exercícios com os pares mínimos. No estudo das vogais, foram constatados problemas na distinção entre as vogais abertas e fechadas e na pronúncia dos sons nasais, ausentes também na língua árabe. Contribuem para esses problemas interferências da língua inglesa e francesa. Também, na fase inicial da aprendizagem, os estudantes tendem a confundir a pronúncia dos sons de algumas letras como:

- A letra C antes dos vogais orais /e/ e /i/ é diferente de ser antes dos vogais orais /a/, /o/ e /u/.

- A letra G antes dos vogais orais /e/ e /i/ é diferente de ser antes dos vogais orais /a/, /o/ e /u/.

- A letra R no início da palavra e a rr são pronunciadas como /h/.

- A letra S entre duas vogais tem o som de /z/.

- A letra X pode ser pronunciada de 4 maneiras diferentes /ʃ/, /ks/, /z/ ou /s/.

- A letra H não é pronunciada.

Para resolver esses problemas e diminuir a ansiedade dos alunos, recorreremos à escuta de várias músicas em língua portuguesa. No nível intermediário, os alunos treinam a interação oral em língua portuguesa em variadas situações sociais como as do turismo, das empresas, do jornalismo, da universidade...etc. Na avaliação dessa disciplina, procuramos seguir os critérios das provas orais dos exames de proficiência Celpe-Bras e PLE.

2. Estudos linguísticos e gramaticais em língua portuguesa: ensinamos nessa disciplina as normas gramaticais da língua portuguesa (morfologia e morfossintaxe). Nessas aulas, utilizamos como material de apoio o livro *Falar, Ler, Escrever* de Emma Eberlein e Samira Iunes, que se adequa ao modo de aprendizagem com o qual está acostumado o aluno egípcio por ser estrutural comunicativo. O livro é complementado com outras gramáticas. Esses manuais gramaticais são complementados com atividades reflexivas nas tarefas interativas na sala de aula com materiais autênticos. Nas aulas de gramática tentamos articular o material gramatical com a prática dos gêneros textuais. Avaliamos o conhecimento linguístico por meio de tarefas que incentivam os estudantes a colocar em prática as normas gramaticais em situações sociais concretas. Morfologicamente, os alunos apresentaram problemas na aprendizagem do gênero das palavras, especialmente as terminadas em *-e*, *-gem*, ou em ditongo nasal. Nem todos os problemas têm a ver com a interferência da língua materna (o árabe), mas ocorreram também problemas com a interferência da língua estrangeira inglês, que interfere na posição de adjetivo antes do substantivo, então casos como *Aswan é bonita cidade* foram frequentes, por exemplo. No quarto ano letivo, o estudante aprende nesta disciplina também a história da língua da formação da língua portuguesa.

3. Leitura e interpretação de textos: nessa disciplina se ensina a leitura de variados gêneros textuais em língua portuguesa (poemas, músicas, narrativas, notícias, crônicas, contos, romances e filmes, novelas, peças de teatro, artigos, ensaios, dissertações e teses). No nível semântico,

há problemas nas primeiras aulas de leitura e tradução do português ao árabe devido ao fato dos estudantes terem desenvolvido na sua educação fundamental e secundária uma mentalidade monossêmica, na qual uma forma tem um significado só e um significado tem uma só forma de expressá-lo. Durante as oficinas de leitura, mostramos como um significado pode ser expresso por variadas formas e como uma forma pode ter variados sentidos dependendo do contexto e da situação comunicativa. Assim, passamos gradativamente de uma mentalidade monossêmica a uma polissêmica na interpretação dos textos. A avaliação de interpretação dos textos foca nas habilidades gerais de compreensão textual como a identificação do tema e a conexão entre as ideias. A partir do segundo ano do curso, a avaliação tem uma parte que foca na compreensão de um gênero literário como poema, a narrativa e o drama e os conecta a outras linguagens da arte. A avaliação de interpretação dos textos foca nas habilidades gerais de compreensão textual como a identificação do tema e a conexão entre as ideias. No terceiro ano, por meio dos exercícios do livro *Via Brasil*, começamos a ensinar os processos de formação de palavras em língua portuguesa, usando como referência o livro *Estruturas morfológicas da língua portuguesa* de Luiz Carlos de Assis Rocha.

4. Redação em língua portuguesa: nessa disciplina se ensina a produção de textos por meio de oficinas de escrita de diferentes gêneros textuais, como artigos, ensaios, currículo vitae, carta de apresentação, e fazemos a correção dessas produções de modo coletivo na sala de aula. Essa disciplina se encontra orientada pelas propostas de Luiz Antonio Marcuschi (2008). Nesse processo de redação, é

interessante como o estudante vai aprendendo a diferenciar entre os usos orais e os escritos na sua própria língua mãe, o árabe, antes de transferir o aprendizado dessa diferenciação ao uso da língua portuguesa.

5. Tradução do português ao árabe e do árabe ao português: disciplina na qual se ensina a transferência de diferentes gêneros textuais de uma língua para outra. Inicialmente, o estudante aprende noções da linguística contrastiva entre a língua árabe e a língua portuguesa como a ordem da oração em árabe (Verbo+Sujeito) e em português (Sujeito+Verbo). Ademais, aprende-se princípios de terminologias das humanidades, e uso dos diferentes dicionários de língua portuguesa e da língua árabe. Também, o estudante aprende articular seus saberes adquiridos na disciplina de leitura e interpretação de textos com a de redação para passar a aplicar nessas duas instâncias as técnicas de tradução de textos de diferentes domínios sociais.

6. Metodologia de pesquisa em língua portuguesa e suas letras: abordamos problemas linguísticos, literários e de tradução, propostos pelos alunos a partir de uma ótica comparativista, intercultural e interdisciplinar. Também nessa disciplina aplicamos oficinas de produção textual dos mais variados gêneros acadêmicos.

7. História de Literaturas de Língua Portuguesa: que vamos apresentar com mais detalhes na seguinte parte sobre o ensino das literaturas de língua portuguesa. Nessa disciplina o estudante desenvolve sua competência intercultural. Inicialmente, o estudante vem com um olhar

que reduz sua interpretação da realidade a partir da ótica cultural local, depois passa a entender os processos culturais que produziram, ao longo dos diferentes períodos históricos, as mudanças nas visões artísticas nos países de língua portuguesa e chega a adquirir paulatinamente um olhar intercultural que compreenda e entenda as diferenças culturais.

Como prática das instituições universitárias egípcias, no final de cada semestre, os estudantes são submetidos a provas. Por isso, buscamos elaborar avaliações que possam explorar o conhecimento do aluno sobre a língua portuguesa e suas manifestações culturais e históricas, com perguntas de análise e de crítica e que impliquem a relação entre as ideias históricas e teóricas e as práticas da língua nas mais variadas situações sociais.

Ensino das literaturas de Língua Portuguesa

O Departamento adota a visão de Antonio Candido da literatura como um direito humano. Quando o estudante termina a metade do livro *Falar, Ler e Escrever*, já começa a ter um nível que oscila entre o elementar e o intermediário, o que nos permite iniciar o ensino das literaturas de língua portuguesa. Os estudantes começam, portanto, a ter contato direto com as disciplinas de literatura a partir do segundo ano letivo (terceiro semestre do curso). No currículo, a literatura consta basicamente nas disciplinas de *Leitura e Interpretação de textos* e *História da literatura*, que visam desenvolver a capacidade literária dos estudantes. Na disciplina *Leitura e interpretação de textos* ensinamos os tipos textuais como a descrição, a narração e a argumentação. Na disciplina *História das literaturas de*

Língua Portuguesa estudamos diferentes épocas da história da literatura portuguesa, brasileira e aspectos das literaturas africanas e asiáticas em língua portuguesa, da Idade Média até a Contemporaneidade. Em cada etapa, o aluno aprende os principais conceitos históricos característicos de cada época, os autores e as obras relevantes de cada período literário.

Nas primeiras aulas, os estudantes começam a assimilar pouco a pouco a terminologia literária em geral e dos conceitos da história da literatura luso-brasileira em especial. Nessa fase, vamos apresentando as principais técnicas operadoras na leitura dos variados gêneros literários (narrativa, poesia, drama, etc).

Também tentamos dedicar aulas específicas para questões teórico-conceituais e técnicas, como as figuras da linguagem, as técnicas da poesia e da pintura, as da narrativa e do cinema e as do drama, do teatro e da novela. Ao decorrer da análise literária de textos escolhidos pelos próprios alunos de uma lista sugerida pelo programa de diferentes escritores, vamos apresentando as questões teóricas da crítica literária.

Um dos desafios no estudo do ensino da literatura é a hegemonia do pensamento pragmático centrado no eu consumidor. Por isso, ao início, afirmamos a reflexão literária produtora de sentido de vida. Aos poucos, o estudante começa a sentir o gosto da experiência literária e sua relevância para a compreensão da sua realidade.

Inicialmente, os estudantes questionam as diferenças culturais na literatura e se confrontam com diversos modos de percepção dessas diferenças. Muitas vezes são questionados na sala de aula temas de gênero, como o tipo de vestimenta, as relações sociais da mulher e seu

papel na sociedade. Também, são criticados os olhares eurocêntricos sobre os árabes, os negros, os índios e os asiáticos, promovendo um pensamento crítico e de respeito à diversidade cultural. No decorrer dessas aulas, procuramos cultivar o debate amigável e desenvolver a capacidade argumentativa do estudante, propiciando um ambiente agradável e aconchegante, com petiscos, café ou chás, para administrar ludicamente as tensões que podem surgir nas discussões e incentivar positivamente a experiência de diálogo com o outro, como defendia Paulo Freire (1967, p. 90) :

“Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática... Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro... À análise crítica de seus ‘achados”.

Ao longo do curso, procuramos reparar as lacunas no conhecimento dos principais acontecimentos da história mundial e, especialmente, aqueles que influenciaram a literatura luso-brasileira contemporânea, tal como o movimento de contracultura, ou, por exemplo, as consequências da primeira e da segunda guerra mundial. Por essa razão, tentamos valorizar a literatura como uma porta de entrada para os alunos conhecerem o próprio contexto social em que estão inseridos. Na medida em que vamos ampliando o repertório de variadas referências históricas, os estudantes vão deixando de considerar o seu repertório local como o único no mundo para produzir um olhar plural e crítico que considere as diferenças

culturais e se alimenta desta diversidade. Nesse sentido, recorreremos à estratégia das excursões a variados lugares históricos no Egito, fora do espaço habitado do estudante, o que representa um avanço na ampliação do seu repertório.

Outra estratégia que utilizamos foi a promoção de visitantes falantes de língua portuguesa para desenvolver atividades culturais e de pesquisa com os estudantes. Ao mesmo tempo, organizamos a I, II e III Jornadas de Língua Portuguesa. A primeira foi em 2015 com a visita do Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior, que falou sobre as fronteiras múltiplas na literatura. A segunda foi em 2016, com a visita do Prof. Dr. José Clécio Quesado, que nos falou sobre aspectos gerais da literatura portuguesa. No mesmo ano, organizamos oficinas de leitura. A terceira jornada de língua portuguesa foi no dia 4 abril de 2016 com participação de delegações da Angola, Brasil, Moçambique e Portugal. Nessas jornadas, procuramos o maior diálogo possível entre os representantes dos países da CPLP sobre o ensino da língua portuguesa no exterior.

A ampliação do repertório dos estudantes e o desenvolvimento da experiência intercultural lhes permite superar o olhar fragmentário, próprio das restrições sociais, e começar a se apropriar de uma perspectiva holística da realidade a partir de uma ótica que considere as novidades das ciências humanas e sociais. Benjamin Abdala Júnior (2012) destaca:

A historiografia assim entendida não se volta apenas para o que já foi, mas recupera a memória em seu processo para projetá-la para o futuro. Este,

para Ernst Bloch (1976), afigura-se como um princípio de esperança uma forma de utopismo ontológico onde o homem, ativo e inquieto, sente-se desejoso de aperfeiçoamentos futuros.

Assim, com o ensino e a aproximação dos processos históricos das literaturas de língua portuguesa, vemos nascer no estudante a desconstrução gradual das atitudes provincianas fechadas, o desenvolvimento de diálogos internos entre a cultura secular e a religiosa e o pensamento crítico das tradições das gerações mais velhas; a abertura às diferenças culturais e a reflexão intercultural sobre sua realidade, seu corpo e os contrastes sociais. Dessa maneira, o contato dos alunos egípcios com as literaturas de língua portuguesa apresenta uma reinterpretação dos valores éticos e estéticos da sua realidade.

Cabe ressaltar que os alunos desenvolveram, a partir das aulas da *História das literaturas de língua portuguesa*, uma série de reflexões que participam, portanto, do desenvolvimento emocional e social da personalidade dos estudantes. Nesse sentido, o professor Benjamin Abdala Júnior (2012) afirma:

A história da literatura deve ser vista, entendemos, nessa plurivocidade discursiva, com relatos entrecortados, conflituosos, como matéria voltada para o antes que pode vir a ser o depois. No enovelado de linhas que se embaraçam, torna-se necessário se buscar ainda intersecções

e confluências com conjuntos de outros repertórios, sem perder a especificidade do modo de se conhecer a realidade que vem da literatura.

A avaliação da disciplina *História das literaturas de língua portuguesa* é feita com perguntas dissertativas. Em todo o processo da avaliação, nosso principal objetivo é a orientação e não a penalização, por isso recorreremos a um caminho mais construtivo a partir da experiência que traz o estudante para a sala de aula.

Considerações finais

Ao longo do nosso relato, mostramos aspectos do ensino da língua portuguesa e de suas literaturas no curso de Línguas do Departamento de Língua Portuguesa em Aswan University, no Egito. Essa experiência nos mostrou variados tipos de diálogos interculturais. Temos o diálogo não somente entre os falantes de língua árabe e os de língua portuguesa, mas também o diálogo interno entre os membros da CPLP e seus cânones literários legitimados.

Nessas interações, emerge a problematização da cano-nização literária no currículo, mas surge também o diálogo entre falantes de língua portuguesa e os do resto dos países Iberoamericanos, entre os falantes de língua portuguesa e outros do continente americano, europeu e asiático. Todo esse processo apresenta o potencial de conduzir a formação de novos leitores das literaturas de língua portuguesa em espaços inéditos e promissores. Observa-se que os desafios que enfrenta a implantação da língua portuguesa nesses espaços inéditos nem sempre

são linguísticos-culturais, mas há outras questões institucionais e políticas que poderiam comprometer o desenvolvimento das estratégias de aprendizagem e comunicação.

Assim que esses desafios se agravam com a situação geopolítica instável que vive o mundo, termina abalando a motivação dos professores e estudantes, o que compromete todo o processo pela falta de apoio material. Nesse sentido, evocamos as palavras do ilustre escritor moçambicano Mia Couto (2017): “Falar, amar e cultivar o português é uma forma de militância pela diversidade”. Por isso, inspirados na experiência relatada do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade de Aswan, as direções das Universidades de Al Azhar, de Ain Shams, de Helwan e do Cairo solicitam o Programa do Curso de Bacharelado em Língua Portuguesa e suas literaturas da Universidade de Aswan para a criação de novos bacharelados em língua portuguesa em suas instituições.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza; Pontara, Marcela Nogueira (2015). *Gramática - Texto: Análise e Construção de Sentido*. São Paulo: Editora Moderna Plus.

ABDALA JUNIOR, Benjamin (2012). *Literaturas em Língua Portuguesa: histórias e estórias*. Matranga (Rio de Janeiro), v. 19, p. 10-24.

CANDIDO, Antonio (1989). Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

Candido, Antonio (1995). O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades.

COSSON, Rildo (2009). *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

CUNHA, Celso; Cintra, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Lexicon.

De Nicola, José (2011). *Painel da literatura em língua portuguesa*. São Paulo: Editora Scipione.

ELGEBALY, Maged T. M. A (2016). Apontamentos sobre o ensino de literaturas de língua portuguesa no Egito. In: *Anais do II Congresso Internacional de Linguística e Filologia (CILF) do Círculo Fluminense de Filologia e Lingüística (CiFEFiL) na Universidade Veiga de Almeida (UVA)*, Rio de Janeiro, v.XX. p.94 - 100.

FREIRE, Paulo (1967). *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra,

GARDNER, Robert C (2007). *Motivation and second language acquisition*. *Porta Linguarum* 8, 9-20.

GELBERT, Laura e Grayley, Monica. Entrevista com o Mia Couto- Falar português é 'militância pela diversidade', diz Mia Couto em dia mundial. ONU News no Brasil, 2017. <https://nacoesunidas.org/falar-portugues-e-militancia-pela-diversidade-diz-mia-couto-em-dia-mundial>-Acesso:4/09/2017

LIMA, Eberlein.E.O.F.; Iunes, Samira. A (1999). *Falar... Ler... Escrever... Português: um curso para estrangeiros*. São Paulo: E.P.U.

MAINGUENEAU, Dominique (2005). *Discurso literário*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo, editora contexto.

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

MONTEIRO, Pedro Meira (Org.) (2014). *A primeira aula. Trânsitos da literatura brasileira no estrangeiro*. São Paulo: Itáu Cultural.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis (2012). *Estruturas Morfológicas do Português*. São Paulo: Martins Fontes.

SAID, Edward (1978). *Orientalism*. London: Penguin. Said, Edward (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.

SANTIAGO, Silviano (2000). *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco.

SARAIVA, José F. S. (1996) *O lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira (de 1946 a nossos dias)*. Brasília: Editora UNB.

SARAIVA, José F. S. (2015) *A África no século XXI: um ensaio acadêmico*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão.

TAKAHASHI, Neide Tomiko (2015). *Leitura Literária em português-língua estrangeira (PLE) no Brasil: representações, compreensão e produção textual*. Tese de Doutorado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosane de Sá Amado, FFLCH, USP, São Paulo.

TAKAHASHI, Neide Tomiko (2008). *Textos literários no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Prof. Dr. Reginado Pinto Carvalho, FFLCH, USP, São Paulo.